

A COMERCIALIZAÇÃO DAS UNIVERSIDADES E A QUALIDADE DO ENSINO

Anchielle Crislane Henrique Silva¹
Paula Loise Menezes dos Santos Ramos²

Esse ensaio visa problematizar a qualidade do ensino superior e contextualizar o momento da educação universitária, permeando a discussão sobre a despersonalização da universidade ligadas as necessidades neoliberais e políticas. A comercialização das universidades tem sido alvo de constantes críticas, nesse âmbito tem se questionado a qualidade e a descaracterização do ensino universitário, tipo de ensino que é construído a partir de posicionamento crítico, reflexivo, criativo e emancipador. Diante desse cenário, questiona-se: o acesso à universidade comercializada tem instigado a reflexibilidade e o conhecimento científico? Na modernidade, a universidade baseou-se na ideia de autonomia do conhecimento frente à Igreja e ao Estado, mas como uma instituição fundamentalmente social, não consegue desvincular-se totalmente dos interesses políticos, sociais e econômicos. Historicamente no Brasil tem-se incentivado a abertura de universidades (incluindo rede privada) e facilitado o acesso a população, mas a preocupação se estabelece em relação a falta de orquestração entre o cientificismo e o profissionalismo, já que é imprescindível que a universidade ministre concomitantemente e integradamente o cultivo da ciência naquilo que for praticável. Por consequência, ao invés de estimular o pensamento crítico e a dialética que envolve o estudante, a universidade pode estar despersonalizando o ensino e fragmentando o conhecimento, formando apenas aplicadores de técnicas. É claro que a profissionalização pode ser um meio importante para evitar segregação social total, porém é importante que fique claro que o ensino profissionalizante não é o único e ou melhor recurso. A instituição universitária se encontra, então, numa situação paradoxal, já que foi criada para estimular o pensamento e romper com interesses fundamentalmente hegemônicos, porém, influenciada por sistemas políticos que não admite ideias que choque com seus interesses de poder, sofre um mecanismo oculto de repressão. A privatização da universidade, a emergência da mão de obra instrumentalista-tecnicista e o ensino superior litúrgico, na tentativa de transformar pessoas em meras reprodutoras, é uma ação sociopolítica. Limitações que dificultam princípios fundamentais dos direitos a educação de qualidade, participação democrática e a autodeterminação. Toda essa discussão envolve também uso de tecnologias e o papel do professor como mestre emancipador, aquele que oferece espaço para o estudante configurar seu protagonismo, e que traz a perspectiva de que o ensino superior se constitui de sujeitos envolvidos na construção da realidade, preconizando a visão da educação como processo humano de desenvolvimento a partir das relações humanas. Assim, a universidade que deve estar conectada a busca de sabedoria, contemplação e a um modo de vida ética, pode perder seu compromisso original, reduzindo-se ao

¹ Docente da UNIFAAHF. Psicologia. anchychs@gmail.com

² Aluna da UNIFASB; Psicologia. paulaloisepsi@hotmail.com

pragmatismo e a reprodução de conhecimento, afastando mestres e alunos do pensamento crítico e inovador.

Palavras-chave: Ensino superior – Política – Universidade – Ensino – Controle estatal.

Referências:

ILLICH, I. **Sociedade sem Escolas**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 1985

TUNES, E.; BARTHOLO, R.S.J. Dois sentidos do aprender. In: MARTÍNEZ, A.M.; TACCA, M.C.V.R. **A complexidade da aprendizagem**. Campinas: Alinea Editora, 2009, pp. 11-29

RIBEIRO, D. **A universidade necessária**. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante**. Tradução de Lílian di Valle. Belo Horizonte: Autêntica. 2004.

Santos, B. S.; Almeida Filho, N. **A Universidade no Século XXI: Para uma Universidade Nova**. Coimbra, 2008)